

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Administrador — JOÃO S. S. RIBEIRO.

FESTAS DA CIDADE

Guimarães está já em festa! Entusiasma-se o coração da nossa gente, sente-se o agitar da sua alma em júbilos, vê-se pairar mais alto o seu Espírito em perene idealismo de graça e de franca e doce alegria. Não tem limites o seu contentamento! Um só cuidado, um só pensamento ocupa, inteiro, o seu grande e generoso coração, esquecendo tudo para só se lembrar de bem servir e bem amar a sua terra — Bêrço sacratíssimo desta Pátria — alma da nossa alma, corpo do nosso corpo, em cânticos de ternura e hinos de Fé e Amor por Ela!

Espírito nobilíssimo de sacrifício, a população Vimaranesa dá um grande exemplo de bairrismo, uma nobre lição de patriotismo, realizando as FESTAS GUALTERIANAS com o brilho e o esplendor de sempre, porque só assim é que compreende o Progresso, e Guimarães, sob todos os títulos, nobre e ilustre, trilha, com honra e galhardia, o caminho da Civilização e da Liberdade, na ânsia insatisfeita de engrandecer o seu nome, a sua Indústria e o seu Comércio.

Seja, por isso, um só o grito de todos nós, fazendo por que êle se ouça além das barreiras Vimaranesas, altivo e forte, sincero e puro como é a alma de Guimarães: — Vivam as Festas da Cidade!

Arco de Festa... e Aliança

É evidente que se não fazem as «Gualterianas» pelo simples e vulgar prazer de as gozar. O pensamento de quem as promove, sobe mais alto: — *Servir a terra de Guimarães!*

Só a determinante deste pensamento e sentimento justifica o esforço dispendido com o cartaz dos três dias ruídosamente festivos, que constituem as «Gualterianas».

Servir a terra, é, na verdade, a preocupação da Associação Comercial e Industrial. Bem haja por isso!

Nenhuma política une mais os homens, que o amor ao torrão onde nasceram ou vivem. É latente por tóda a parte, é rico de seivas por tódas as terrinhas portuguesas, êste bem-querer ao lugar onde existimos.

Só falta, para que êste reflorir de simpatias extremas e de esforços redentores, produza benefícios frutos de *progresso nacional*, só falta, repito, a esta política de amor à terra em que nascemos ou vivemos, uma directriz de conjunto, sob o ponto de vista nacional.

Quero dizer: fazer cada concelho, cada terra, a sua *política local*, abstraindo das conveniências de ordem geral, é promover uma política de desagregação, funesta à Pátria.

Os próprios nacionalismos, hoje tanto em voga, precisam não cair em exagêros separatistas. Outro tanto há a dizer, quanto aos *localismos estreitos*, que atiram o bairro contra o bairro, a freguesia contra a freguesia, o concelho contra o concelho, a região contra a região.

Conhecer a organização dos velhos agrupamentos municipais com a sua jurisdição, os seus magistrados, os seus foros, é compreender e reconhecer quanto se impõe, em nossos dias, não aumentar barreiras, nem acicatar rivalidades localistas.

Fazendo, pois, a nossa *Festa da Cidade*, aumentamos prestígio, renome, glória à terra nossa; mas, simultaneamente, sabemos, com timbre e com inteligência, unir o braço heráldico de Guimarães em aliança amorosa com os braços das terras vizinhas.

— *Pela nossa terra? pela nossa gente?*

Seja. E bem será que o seja — em bem.

Assim no-lo diz o coração, prendendo-nos por raízes de muitas gerações ao solo amado que

nos viu nascer. Mas que de modo algum êste amor se alucine e oblitere, até ao ponto de nos não sabermos sacrificar, se preciso fôr, uns pelos outros, em prol do Comum.

Todos filhos da terra portuguesa, sirvamos a terra natal, a terra de nossos pais, o lugar onde vivemos, com um carinho elevado e sublimado de autênticos portugueses. Se assim procedermos, não será egoísmo reprovável pôr na preferência das nossas simpatias, primeiro a terra onde vivemos, onde constituímos família, onde está a flux da nossa vida social. Só assim abrindo os nossos braços fraternais, neles abraçaremos, em concórdia, — o forasteiro amigo!

A. L. de Carvalho.

A MINHA TERRA LINDA

Guimarães! Guimarães! O' minha Terra amada, Meu ridente Jardim do Sonho e da Ilusão! Embora de ti longe, eu tenho-te gravada, O' minha Terra linda, aqui, no coração!

Os olhos querem ver o sonho meu, constante: A Ermida a espreitar no cimo montanhoso; E aquela casa branca, ao longe, tam distante, E o Sêlho a serpear, gemente, preguiçoso...

Os bois pucham a nora e os rudes lavradores Cavam a Terra-Mã, semeiam loiros Pão. Ouvem-se a delirar as frautas dos Pastores E o rebanho pasce em lenta mansidão.

O cheiro a rosmaninho espalha-se no ar E já os roussinóis gorgeiam nos silvados: Sejam erva no campo as mógicas — a cantar Os seus cantos d'amor com virginais segredos...

Lá no cimo, o Castelo, a minha vista alcança Onde o primeiro Rei altivamente fêz Prender a própria Mã porque esta a sua Herança A quisera entregar ao Conde Aragonês!

Lá mais no alto, a Penha, imensa e majestosa Eleva-se mostrando o dorso de penedos; E no sopé eu vejo a Costa tam formosa Com seu velho Convento e frescos arvoredos.

Diviso a Fonte-Santa, envolta na Saudade Das noites d'alegria ao Santo Precursor... Lugar onde passei a loira mocidade Lugar onde sonhei o meu primeiro amor!

Tudo lindo! tam lindo! A Natureza inteira Tem o sangue do belo, a seiva da frescura! Aqui, ó Guimarães, a vida é verdadeira, Cheia de Paz e Amor, de Luz e de Ventura!...

Minha Mã, minha Mã, ai! deixa-me beijar Teu cabelo de neve, a trança alva de linho! Minha cabeça, vê, também 'stá a nevar E eu quasi como tu, ó Mã, sou um velhinho!

DELFIM DE VIMARANES.

A 1.ª vez em Guimarães

A ocasião em que visitei Guimarães, pela primeira vez, foi em um de Novembro de 1905, data em que dei entrada no antigo Colégio do Beringel, à frente do qual se encontrava o saudável amigo e prestigioso professor do Liceu, sr. Cónego José Maria Gomes. Foi, então, que conheci a fidalga e histórica cidade de D. Afonso Henriques, que era, mais ou menos, o que é hoje. As saudades da família, a lembrança dos companheiros da Escola Primária e a rigorosa disciplina do colégio — estudar, morrer ou fugir — fizeram criar em mim um aborrecimento grande por esta terra, aborrecimento que era próprio da minha idade. Mas o tempo foi passando, as saudades fôram desaparecendo e àquela disciplina forte do colégio, foi-se amoldando o meu temperamento, de modo que me tornei, dentro de pouco tempo, um amigo de Guimarães. Foi aqui onde principiei a preparar-me para a vida e onde, mais tarde, principiei a ganhar o pão. Recordo-me, com grande saúde, de todos os meus queridos mestres, já falecidos quasi todos. Dos que ainda vivem, encontra-se o bom, o generoso José de Pina, que não pode morrer enquanto viverem as Festas Gualterianas, das quais é um dos maiores entusiastas e um dos melhores organizadores. José de Pina tem, de facto, prestado o melhor do seu esforço às referidas Festas, muito particularmente à Marcha Gualteriana, cujo efeito surpreendente e nada vulgar, se deve à sua pessoa. Assim se verificou no ano findo e assim se verificará êste ano, porque, segundo me dizem, o efeito deve ser para melhor. As Festas Gualterianas são, actualmente, o despertar de energias novas, embora aproveitando a colaboração de energias mais cansadas. Há, em Guimarães, um grupo de rapazes cheios de amor, cheios de entusiasmo, cheios de bairrismo pela sua terra, que não deixarão de trabalhar por ela. Porisso, enganar-se-á quem julgar que o futuro não tem destinado a Guimarães uma época de maior progresso, uma época de ressurgimento da sua actividade, que se imponha ao de outras terras, até hoje mais favorecidas e mais protegidas. Neste mundo, tudo depende de uma questão de mais ou menos sorte.

M.



CASTELO DE GUIMARÃIS

Chamamos a atenção da Polícia e da digna Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, para o abuso das *fisgas*, que, actualmente, são mais do que as *pragas* do Egipto. Em tóda a parte se vê um garoto com uma *fisga* na mão, o que é absolutamente proibido. Em geral, aproveitam-se delas para maltratarem os animais e, ainda, para partirem vidros ou atingirem qualquer pessoa. É necessário que quem o deve fazer tome as providências que o caso requiere.

Trata-se duma cousa proibida, motivo porque basta apenas tomar a sério o cumprimento da lei, pelo qual nesta terra há tão pouca consideração. Se todos os pais se compenetrassem da grande responsabilidade que peza sobre eles por não educarem os filhos convenientemente, não haveria necessidade de recorrermos a êste expediente. Mas se há pais bons, outros há que são indignos de tal nome!

Quando, há dias, caminhávamos por um dos passeios da rua 31 de Janeiro, seguíamos pelo mesmo, em sentido contrário, *chorudas* peixeiras, cada uma com o seu taboleiro de peixe à cabeça. Chamando a atenção das *delinquentes* — dizendo-lhes que não podiam seguir pelo passeio, responderam: Quem o quer *bô* e barato!... Olhamos para todos os lados, para *descurtinar* um polícia, mas não vimos nenhum. Era ainda cedo, 10 horas da manhã, motivo porque supusemos que estivessem a tomar o café, visto que outra bebida naquela altura não era muito de apetecer. E andamos nisto.

De quem será a culpa? Há quem diga que o mal vem de longe, e, sendo assim, *três vezes*

nove são vinte e sete... a tiragem da prova fica ao cuidado dos leitores.

O nosso ilustre amigo, sr. José Jacinto Júnior, teve a gentileza de oferecer à Escola Industrial e Comercial, desta cidade, para a sua Biblioteca, alguns livros considerados úteis ao ensino ministrado na Oficina de Tecelagem da mesma Escola. Enriquecer a Biblioteca dêste importante estabelecimento de ensino é um dos processos de o beneficiar. Infelizmente, uma parte da gente desta terra ainda não compreendeu a grande utilidade da nossa Escola Técnica, porque se a tivesse compreendido tê-la-ia auxiliado, como sucede em outras povoações. No Pôrto, por exemplo, muitos dos industriais daquela cidade têm prestado importantes benefícios às suas Escolas Industriais e Comerciais. Em Guimarães, não tem havido esta louvável protecção, se bem que a *indiferença* não seja geral, como o acaba de provar o sr. José Jacinto.

Andam os pobres dos pobres a lamentar a sua triste sorte, pois se queixam amargamente da forma como vem sendo feita a distribuição da água à cidade, fazendo-os perder horas e horas à procura do precioso líquido, havendo santas criaturas que se deslocam 100, 200, 400 e mais metros para arranjar um cântaro de água! Por exemplo, êste caso: a maioria dos habitantes das ruas Egas Moniz, Elias Garcia e Largo 13 de Fevereiro, não podendo chegar às *bichas* que se formam no fontenário da Senhora da Guia, fazem o sacrificio de descer até ao fundo do Campo da Feira para conseguirem mais

LOÇÃO MIN-HOR

(CIENTÍFICA COMBINAÇÃO QUÍMICA)

Restitui aos cabelos a sua cor primitiva. Não mancha a pele nem a roupa. Vende-se em tódas as boas farmácias.

Preparação do Laboratório "KORUS."

O Sr. Unhaca continua em "Off-side,"

Contra os seus insultos... gargalhadas

O sr. Unhaca começa a sentir-se aturdido, apavorado, desesperado, porque sente avançar implacavelmente, uma terrível onda de ridículo que já lhe aperta o gasganete. O sr. Unhaca já ouviu nitidamente no espaço o reboar de uma imensa gargalhada que o desnorreia, que o perturba, que o põe em ânsias.

O sr. Unhaca começa a ser vaiado, apupado, corrido... Olha o varapau!... Olha a rabona de xadrez!... Ah! Ah! Ah!...

A rabona de xadrez que tão fortemente amarrei à carcassa do sr. Unhaca, abraza-o, queima-o, tisona-lhe a carnagem, esquenta-lhe a epiderme, põe-lhe o sangue a ferver.

O sr. Unhaca, de face vermelhusca e olhos medonhamente salientes, resfolega, sopra, bufa edicamente, envolvendo-nos a todos numa atmosfera escaldante de suão marroquino. Mas o sr. Unhaca resiste, resiste sempre, com as feições trágicamente demudadas, com os gestos cómicamente desordenados, salta, pula, pincha, dá cabriolas mortais, solta sons guturais, monossilabos incompreensíveis, roncões selváticos...

As flechas que Apolo tão acertadamente lhe desfechou à queima roupa, tiveram o condão extraordinário de despertar no sr. Unhaca, todos os instintos selvagens, atávicamente acumulados, de um Cró-Magnon. O sr. Unhaca, num momento, regressou ao homem das selvas, ao pitecoide de Haeckel. Por isso, o sr. Unhaca, nos fala de florestas fantásticas. Agora já não me admiro das suas delirantes visões, porque o sr. Unhaca rebuscou no seu sub-consciente e pôde dar forma, embora caótica, a reminiscências milenárias.

Este sr. Unhaca é, na verdade, bem digno de estudo.

O sr. Unhaca descobriu-me um escandaloso plágio que me afastou da Academia de Ciências, mas estou a ver que estudando-o com cuidado, ainda hei-de dar brado nas Sociedades de Antropologia. Bem me palpitava que havia de ser sobre a sua carriada, desarticulada e desconjuncta carcassa de malfadado cronista, que eu havia de tecer a minha coroa de glória.

Mas continuemos a observar o sr. Unhaca.

O sr. Unhaca, passou do varapau à rabona, mas agora está numa metamorfose mais interessante ainda.

O sr. Unhaca, ao sentir-se apertado, tolhido, algemado pela sua hilariante rabona de xadrez, tentou desembaraçar-se dela, e desembaraçou-se. Foi uma luta verdadeiramente fútil. O sr. Unhaca, numa fita ciclópica, e depois de uma luta insana, (verdadeira epilepsia grotesca), inundado de suor, respiração ofegante e angustiosa, atordado e precipitado pelas gargalhadas que o cercam, despiu-se de todo, e apparece-nos em escandalosa nudez, sórdida e pelintra!

A recobrir a sua miséria animal, apenas se vê aquele fato hereditário, sedoso e lúcido, que a providente natureza deu ao homem primitivo. E' assim como nos aparece agora o sr. Unhaca. Como se poderia esperar educação e boas maneiras do sr. Unhaca, se ele se despiu de tudo? Mas há mais. O sr. Unhaca pro-

depressa a água para as suas necessidades! Não haverá maneira de remediar tam grande mal que só prejuizos traz às suas occupações? Não será possível fazer uma mais racional distribuição de águas pelos fontenários mais próximos, evitando tanto quanto possível a perda de tempo às pessoas que mais dêle carecem, que são afinal os pobres?!

va-nos, sem vaidade, que é um *sófrivel cavaleiro que não cai tão facilmente como se imagina.*

Cá estão mais reminiscências do Unhaca sub-consciente. Esta tendência cavalaresca pode muito revelar nostalgia da fraternal vida em comum, com o anoploterium terciário. O sr. Unhaca, agora, assim a cavallo, lembra-nos com horror a Bêsta do Apocalipse, que passa espalhando à sua volta a desordem e o terror. Mas o que é interessante, é esta inclinação instintiva que os D. Quixotes e Sanchos Pança teem pelos burros. Estes míseros cavaleiros deixariam de ser o que foram, se não tivessem as suas pilecas maseletas. Assim, o sr. Unhaca, para ser melhor o que verdadeiramente é, lá foi arranjar a sua, também.

Mas, o sr. Unhaca, não tem, somente a pileca de D. Quixote. Tem também as suas fanfarronices. Tõda a gente está a ver o sr. Unhaca miseravelmente estatelado no chão; tõda a gente o viu claudicar, zig-zaguear e cair desamparadamente; mas o sr. Unhaca afirma e afirmará sempre, que quem caiu, foi Apolo. E' extraordinário este sr. Unhaca! O sr. Unhaca, vê tudo ao inverso. O sr. Unhaca, vê tõdas estas coisas, na posição ginástica de Chesterton. Ao sr. Unhaca, já ninguém o toma a sério.

O sr. Unhaca, com os seus péssimos artigos, mal amanhados, grosseiros, sensorões e sem gramática; com os seus exagêros, com as suas incoerências e infelidades; com as suas arremetidas a falsos moínhos de vento, construiu, sem querer, e até sem saber, uma verdadeira Torre de Babel.

Foi o próprio sr. Unhaca, com as suas hilariantes crónicas, com os seus insultos despicientes, com as suas maneiras incoordenadas, com as suas atitudes pindéricas, que foi acumulando, desmesuradamente, esta insupportável vontade de rir, que fatalmente havia de desencadear esta tremenda tempestade de gargalhadas.

Ao menos, faz-nos *"desopiler la rate"*.

Mas eu não tive culpa nenhuma, sr. Unhaca. Eu apenas descerrei o "manto diáfano da fantasia" e com a "nudez forte da verdade" disse: *Repara! no sr. Unhaca. Olhai bem para a prosa dele!* Foi o bastante. O sr. Unhaca não aguentou uma análise um pouco mais demorada. O sr. Unhaca escorregou, vacilou, trefeu e caiu...

O sr. Unhaca não caiu silencioso como a "lágrima celeste". O sr. Unhaca caiu... a estoirar. Ainda funestas consequências da sua monstruosa digestão! O sr. tomou tão sofregamente o bicarbonato que lhe aconselhei, e em tão grande quantidade, que arranjou uma tão escandalosa flatulência, que o faz cair a estoirar e correr o risco de rebentar! A avaliarmos pelo número e intensidade das suas eructações, que, como estampidos tremendos, correm tõda a gama dos sons, e pelos borborigmos que infernalmente lhe rumorejam nas entranhas, o sr. Unhaca, de facto pode rebentar!... Ai, se o Unhaca rebenta!... Ai se o Unhaca rebenta... cochichamos nós todos, com aquele ar apavorado de quem sente em iminência um grande cataclismo... Ai se o Unhaca rebenta!...

Por fim, o sr. Unhaca, rebentou. Depois de inchar estupidamente, o sr. Unhaca estourou estrondosamente! Eram exagerados os nossos receios (devido aos seus exagêros) quanto aos estragos que pudesse vir a causar. O estrondo na verdade foi colossal, como o ribombar de um grande trovão, mas afinal tudo se resumiu em fumo e gaz venenoso e corrosivo, que uma lufada de razão, depressa varreu.

Felizmente, que o sr. Unhaca rebentou cá fora, na rua, à porta do Club. Se ele chega a entrar e rebenta lá dentro, então a esta hora muito teríamos que lamentar!

Muitos parabéns ao Vitória Sport Club.

O sr. Unhaca aconselha-me para *corrigir a minha vista, dois pares de óculos, já que uns são deficientes.* De quantos pares precisará o sr., para corrigir a sua? Certamente de muitos, porque o sr. não olha... com bons olhos a C. A. Assim, o sr. Unhaca, teima em chamar desfalque a um simples atrazo de cobrança; secreto e clandestino a um registro de sócios, que é absolutamente público, e está inteiramente ao dispôr de quem queira vê-lo, e por fim chama parvos aos sócios, *que não sabiam que o eram!* Este sr. Unhaca sempre me saíu um sofista! Olhe, sr. Unhaca, tõda a gente de bom senso me tem dito que não lhe responda. Por isso, este artigo esteve para não sair, porque já de antemão sabemos a sua resposta: insultos, insultos e mais insultos!

A-pesar disto, estou satisfeito com o resultado prático desta cruzada moralizadora e justa. Puz tudo no seu devido lugar, menos o sr. Unhaca que continua em *off-side*. Quanto ao destino a dar-lhe, tenha paciência, mas o sr. vai ser fusilado... à bota!

Para quem receava que o *anavalhasse pelas costas*, já é ser tolerante! Portanto, resigne-se com a sentença, e não apele.

O sr. Unhaca, também não merece outras balas, porque, afinal de contas, quem andou sempre por aí de tamanca de montanhês, não pode nem deve esperar melhor. Demais, o sr. Unhaca, de tõdas as botas que lhe não-de cair sobre a carcassa, sempre há-de arranjar algum par que lhe sirva. Aproveite, sr. Unhaca. "Há males que trazem bem". Não deixe também de continuar a escrever os seus lindos artigos, para nós continuarmos a rir às gargalhadas. Já que não há futebol aos domingos, temos ao menos as crónicas do sr. Unhaca... em *off-side*.

Apolo não lhe responde mais (que alívio, sr. Unhaca!) porque, o sr., além de ser insultuoso, não merece nem o latim, nem o precioso tempo que infelizmente perdeu comigo. Mesmo, o sr. Unhaca, deve andar neurastênico, misantropo e hiperexcitado. As minhas certas flechadas, este sol escaldante, e estas mscas impertinentes, são, sem dúvida, a causa do seu lamentável mal. Esperemos, com resignação, que a Senhora da Lapinha faça o desejado milagre de mandar chuva, muita chuva, para regar as batatas, os melões e... calmar o sr. Unhaca!

Por último, ouça, sr. Unhaca, ouça bem as gargalhadas imensas, vibrantes e atroadoras, que já se aproximam, que já o envolvem, e que não-de soar aos seus míseros ouvidos, como as arripiantes trombetas do Juízo Final.

Cumpr-me agora agradecer ao... sr. Director do "Notícias de Guimarães", tõdas as gentilezas e o espaço que amavelmente, me pôs à disposição. Apesar do meu antagonista nunca ter correspondido em nada à minha benévola expectativa, sr. Director, nunca supus que ele desconhecisse, tão crassamente, os mais rudimentares princípios de educação. Por isso, sr. Director, ponho ponto final na questão, que foi desviada do seu principal objectivo, à força de insultos.

Eu, sr. Director, estou satisfeito por ter cumprido um dever... a rir!

O meu antagonista... continuará a insultar a... ranger os dentes... mas terá como recompensa, o ficar amarrado, para sempre, aos seus próprios insultos.

Sou, de V... , com tõda a esti-

SEMPRE POR GUIMARÃIS

Em todos os artigos que tenho escrito para o "Notícias de Guimarães", tem-me interessado, apenas, o progresso desta terra, pelo qual sempre tenho pugnado. Tenho, também, procurado orientar o meu modo de ver e de pensar de maneira a não ferir ninguém, porque a isso se opõem o meu temperamento e a minha educação. Não obstante ser assim, eu sei que há quem pretenda deturpar o meu pensamento, tirando dos meus modestos artigos conclusões nada lisongeiros para a minha pessoa. Sei, até, que há quem teria coragem de me meter na cadeia, se, por ventura, eu não estivesse muito acima do ódio e da calúnia dessas criaturas, que não poupam ninguém e que têm instintos mais ferozes do que as próprias feras. Para evitar, porém, mal-entendidos, devo afirmar que nada — absolutamente nada — tenho a dizer da gente de bem de Guimarães, sejam quais forem os seus credos políticos, porque já tive ocasião de receber espontâneas atenções, quer de uns, quer de outros. Se há quem pretenda ferrar-me nas canelas — peço desculpa da grosseria do termo empregado, mas é o único que me satisfaz — são aquêles aos quais não ligo a mais pequena parcela daquilo a que se chama importância, porque me habituei — e não estou arrependido disso — a só ter a devida consideração por quem é digno dela. Assim o tenho feito e assim o continuarei a fazer, certo de que não incorro em *pena grave*. E assim definida, mais uma vez, a minha atitude, desejo que os inconscientes e maldosos críticos dos meus *inocentes escritos* saibam que não comparo a minha honestidade, a minha lealdade e a minha sinceridade à deles. Aquêles que mais criticam são, em geral, os mais duvidosos. Habitudo a viver dentro da mais humilde e pacata *esfera de acção*, sem nunca ter a pretensão de me

elevar acima daquilo que sou, não me deixo, todavia, esmagar pela injustiça que a *salência* de certos cérebros procura aplicar-me. Nunca fugi à responsabilidade dos meus actos nem nunca me utilizei da ignóbil cobardia para atingir quem quer que seja, afirmação esta que não podem fazer aqueles que se dedicam — à falta de outra profissão, talvez — a fazer apreciações reveladoras de uma condenável falta de carácter e de pudor. E dito isto, nenhuma outra resposta tenho a dar aos que dizem que eu somente sei escrever ao *paladar* de alguém... O que tenho escrito deve estar de acôrdo com o *paladar* de todos quantos se interessam pelo progresso de Guimarães, porque os assuntos de que tenho tratado — embora com falta de competência — não têm outro fim.

E' assim que tenho procedido, é assim que continuarei a proceder enquanto tiver a felicidade de me considerar em condições de poder responder pelos meus actos. Não é fácil, pois, fazer-me desviar da orientação que tomei, mesmo que me venham dizer que um ou outro *maldizente* me atribue a intenção de procurar atingir certas criaturas, naquilo que escrevo, caso que há poucos dias foi discutido, mas por pessoas cuja categoria é *negativa*. Façam todos como eu, interessem-se todos pelo justo progresso de Guimarães, em vez de andarem a fazerem uma sementeira de ódios, e as aspirações da opinião pública Vimaranesse passarão para o campo das realidades, pelo menos aquelas de maior interesse e de maiores vantagens para esta terra. E' sôbre isto que tenho insistido e é este — unicamente este — o crime que tenho cometido.

Ficaremos entendidos? Oxalá que sim.

RAMIO.

ma e consideração, amigo, atento e obrigado

APOLO.

N. da R. — O "Notícias de Guimarães", felicita o seu querido amigo e illustre colaborador *Apolo*, pela maneira brilhante e digna como se houve nesta polémica, lamentando que s. ex.ª tenha de lhe pôr termo pelos motivos que acima expõe, e que mostram bem a sua maneira correcta de fazer jornalismo. Polemista brilhante, os seus escritos vinham interessando vivamente os apaixonados do futebol, como de resto a opinião pública vimaranense, todos elogiando a correcção, o apuro e fino humorismo de *Apolo*.

Fala Pedro, o Cruel

(De Marcelino Mesquita)

"Escrivão, escreverás — que o saiba todo o mundo! Que, um dia, um pobre rei, preso d'amor profundo, Dêsse amor ante o qual morre o poder da terra, Entre ódios e paixões, chegou à luta, à guerra, Contra o pai, contra a mãe, jogando a própria vida, Pra colocar no trono a sua dama querida! E, que, como por fim, até Deus — o mais forte — Lha arrancasse cruel, zombou da própria morte, Fazendo reviver a mísera, a mesquinha, Em toda a majestade e graça de rainha! E, escreverás por fim," se consciência tens: Que uma ourivesaria existe em Guimarães, Rica em instalações e rica em jóias finas, Conforme o mostruário exposto nas vitrinas, Objectos de valor, prendas de gosto e arte. Dificéis de encontrar em qualquer outra parte, Que o povo a não esqueça, havendo precisão: A de José Fernandes — Rua Paio Galvão!

Os nossos amigos

Deu-nos o prazer da sua visita, o nosso estimado assinante e amigo, Sr. Manuel Joaquim Marques Guimarães, abastado proprietário em S. Martinho de Gondomar, aproveitando a ocasião para satisfazer a importância da sua assinatura.

— Veio à nossa redacção, pagar a sua assinatura, o sr. José Antó-

nio Xavier de Matos Guimarães, da Avenida Cândido Reis, desta cidade.

— Também veio pagar a sua assinatura, o rev. Abade Aposentado de Gondar, residente em Santa Maria de Bouro.

Muito obrigados.

Vende-se um prédio novo, na Rua da Arcéla, com boas lojas, e bem construído, em pedra, acima da linha férrea.

Fala-se na Rua Dr. Avelino Germano N.º 40.

bindos tapetes

A *Camisaria Martins* acaba de receber um sortido de tapetes que vende desde o preço de 6000.

Artigos para brinde. Brinquedos.

Artigos de bordar. Só na *Camisaria Martins*, a Casa das Meias.

VENDE-SE

Pequena propriedade com casa, vinho e frutas, perto das Caldas das Taipas.

Dão-se os precisos esclarecimentos na Tipografia Minerava Vimaranesse, R. 31 de Janeiro — Guimarães.

Pó de Arroz
LADY
Se V. Ex.ª deseja conservar a beleza da sua pele, use na sua "toilette" o inconfundível **Pó de Arroz LADY**.
Acondicionado em caixas de luxo. Última criação de LOPES, Ltd.ª.
Vende-se nas boas casas desta praça.

Novidade: MEIAS MATE (Seda sem Dribo) -- Na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias

CONTINUANDO

Um barracão indecente

Guimarães, como por mais de uma vez aqui se tem dito, não tem uma casa de espectáculos digna do seu nome, do justo prestígio de que goza lá fora, como uma das primeiras terras portuguesas, cuja importância industrial e comercial é sabida e engrandecida. Também, para sua maior glória e orgulho nosso, marca no mundo social e artístico, e, intelectualmente, não vemos terra que melhor se lhe compare, pois aqui nasceram e viveram, e vivem ainda, altos e sólidos valores mentais, que são a honra e a vaidade vimaranense, glória e brilho da nossa terra! Pois bem! Guimarães, que tem tudo isto e mais alguma coisa que nos ennobrecer, que nos dá nome, que nos ilustra, que nos orgulha; que tem magníficos estabelecimentos, cafés modernos, um Hotel e *Restaurants* de primeira ordem; que possui instituições civis e religiosas; templos grandiosos que são verdadeiras maravilhas de Arte; que já hoje oferece à vista do turista um aspecto rico de impressões agradáveis quer pelas suas ruas e largos bem limpos e arrumados, quer pelos seus jardins bem cuidados; que tem tudo quanto é preciso para satisfazer a curiosidade alheia, Guimarães, em flagrante contraste com o que acaba de ser enumerado, não possui uma casa de espectáculos *decente e digna* do seu bom nome e da sua gente!

E' a triste, a dolorosa verdade!...

Já aqui dissemos, e jamais nos cansaremos de o dizer, que o barracão da rua Gil Vicente é tudo quanto há de mais baixo, de mais reles, de mais nojento! E' tudo, menos uma casa de espectáculos! Chamar-lhe *teatro* — é insultar Talma, Dante, Gil Vicente, Molière, Shakespeare, todos quantos, enfim, deram ao Teatro um verdadeiro culto de Beleza e Arte!

Aquilo não é um *teatro* — é um barracão que está fora dos tempos modernos, sem arte nem geito, servindo, hoje, apenas para uma grande *garage*, ou armazem de vinhos...

E' o melhor destino que lhe podem dar, já que outro caminho não encontram ou não querem encontrar, talvez propositalmente, maldosamente.

E' preciso ter perdido o pudor, a vergonha, ter uma cara estanhada para mostrar aos olhos do forasteiro este mostrengo, cujo nome de barracão já vem dos nossos tempos de infância, apontando-o como *teatro*! E' ignóbil e é baixo!

Não agrada a nossa campanha?

Evitem-na, fazendo obras, mas obras a valer, que se vejam! Não exigimos luxo, mas aceio, bom aspecto e bom ar! Com tal barracão estamos, estaremos sempre sujeitos à crítica mordaz, à censura áspera — sem nos podermos queixar — de quem visite esta terra, que, ao reparar em tudo quanto possuímos de bom e de valor, vem logo, à queima-roupa, a sua pergunta certa e sabida: E teatro?! Aonde fica o teatro?! E, envergonhados de nós próprios, maguados, ofendidos no nosso brio, confessamos imediatamente a nossa miséria: Guimarães tem tudo, mas menos um teatro! Havia um, — o D. Afonso Henriques, — mas a Inspeção Geral dos Espectáculos mandou-o encerrar por não oferecer a indispensável segurança, nem estar nas condições que a lei exige. Tem-se tentado, é verdade, enveredar pelo bom caminho, removendo dificuldades, procurando dotar a nossa terra com uma casa de espectáculos decente e digna, mas o tempo vai passando, os primeiros entusiasmos arrefeceram, os accionistas não apareceram, — as reuniões sumiram-se com o pó das *velhas acções do D. Afonso* e... era uma vez uma

grande iniciativa que acabou com o acabam tôdas as histórias.

E esta iniciativa tem a sua história, nela fazendo figura honrosa e digna, quer como Vimaranenses, quer como capitalistas, umas duas ou três pessoas, que esbarraram sempre na porta alheia, quando esta parecia aberta para dar alma e entusiasmo a uma ideia que Guimarães acalentava com a maior esperança.

Deu a alma ao Indiferentismo, e o D. Afonso é hoje uma pávida sombra a desaparecer brevemente com a sua expropriação por utilidade pública!

Apenas existe nesta terra uma casa que fez o seu tempo noutros tempos, mas como os de hoje são outros, de progresso e de civilização, já não marca nada nas *passagens* desta vida!

Chamam-lhe teatro, mas não é verdade, e o visitante, que gosta de franqueza, que conhece já o nosso feitio, lamenta-nos, diz que é pena, que Guimarães bem precisa de um teatro, porque faz parte da educação espirital e artística do povo. Nós também assim pensamos. Mas como se teima na mania de se ir remediando com o que temos, com uma *modéstia* que nos envergonha e nos fica mal, Guimarães terá de se contentar com o barracão porque... porque se perdeu por completo o brio, a vergonha, e só nos lembramos de cantar:

«Oh! Guimarães, teu progresso, tua vida... é toda a nossa aspiração!»

quando há bandeiras, música e foguetes.

...E mesmo assim, só por ocasião das *Qualterianas*...

No último número do «Notícias» dissemos que esta campanha parece não ter agradado ao sr. correspondente desta cidade para o «Correio do Minho», e, assim, em 25 p. f., permitiu-se a leviandade de chamar à nossa campanha «*uma campanha de ódio*», — *de ódio contra a empresa*», enchendo-nos de espanto tão irrisória como estúpida maneira de afirmar.

E, a propósito, escrevemos: — «Campanha de ódio?! Qual a razão desse ódio?, não o quer explicar o sr. correspondente? Mas ódio à empresa,..... porquê, e porque motivo?»

«O sr. correspondente deve dizê-lo a toda a gente, já que nêle falou aos seus leitores, interessados, agora, em saber a verdade das suas (?) afirmações».

Isto escrevemos nós!

Pois vão os leitores saborear a resposta que se procurou dar a estas nossas palavras, claras e simples, que pediam nem mais nem menos uma formal, uma autêntica afirmação daquilo a que êle, o sr. correspondente, chamava «*uma campanha de ódio*» — *de ódio contra a empresa*» da nossa parte.

Façam o favor de ler:

«Eu disse, e repito, que a campanha é uma campanha de ódio.

Hoje, ainda acrescento:

E um frete.

Quer que me explique?

Quer testemunhas?

Particularmente, se assim o entender, lho direi, e não publicamente, porque não quero FERIR NINGUÉM.

Compreende-me?»

Num jôgo baixo, miserável, faz batota com as palavras, confunde, baralha, torna a baralhar, e nada! Não destrói as nossas palavras, engasga quando lhe pedimos para explicar aos seus leitores os *porquês* da nossa *campanha de ódio, de ódio contra a empresa*».

Para não *ferir ninguém* — que bondade e que amor... de lóbo! — só particularmente o diz, se assim o entendermos, pois publicamente não o faz!...

E' de fôrça, êste teimoso!

Teimosos há, na verdade, que

teimam uma, duas vezes, mas, quando sinceros, batem no peito — *mea culpa, mea culpa* — e dão a mão à palmatória. Este, porém, não só é irreverente, como audacioso na mentira e na infâmia!

«Campanha de ódio!

E um frete!»

E com uma arrogância quixotesca, diz se queremos que êle se explique e se também queremos testemunhas!!!

Mas, à cautela, vai-nos prevenindo que o não faz em público, para não *ferir ninguém*...

Sim, sr. correspondente! Venha tudo! Tudo isso que sabe... para meter medo a si próprio. Mas exijo que o faça em público e razo. Nada de jôgos malabares, nem de palavras cruzadas, para que se não possam confundir os homens nem os caracteres.

E... continue, que não estou para o aturar nem aos seus aulicos.

— Temos dito!

AFONSO FRANÇA.

Falecimentos

P.º José de Oliveira Guimarães

Em quarto particular da V. O. T. de S. Domingos, faleceu, na manhã de Domingo, o rev. José de Oliveira Guimarães, que contava 83 anos de idade.

O finado, que era natural de S. Torcato e exerceu, nesta cidade, o lugar de capelão do extinto convento de Santa Clara, ausentando-se para Braga, de onde regressou há dias, recolhendo ao hospital de S. Domingos onde veio a falecer.

O seu funeral realizou-se na tarde de segunda-feira, tendo sido o cadáver trasladado para o cemitério Municipal, numa camioneta funerária.

Paz à sua alma.

D. Maria Cândida de Carvalho

Em avançada idade, faleceu a sr.ª D. Maria Cândida de Carvalho, tia do nosso amigo, sr. João Carvalho e da esposa do também nosso amigo sr. Torcato Mendes Simões.

O seu funeral realizou-se na quarta-feira, para o cemitério de Atougua.

Manuel Ribeiro Gomes de Abreu

Contando 88 anos de idade, faleceu, na sua residência à Rua Gravador Molarinho, o sr. Manuel Ribeiro Gomes de Abreu, antigo e estimado Amanuense do Matadouro Municipal, pai dos nossos amigos srs. António e Fortunato Alves Ribeiro Gomes de Abreu.

O seu funeral realizou-se ante-ontem, no templo da V. O. T. de S. Francisco, e foi bastante concorrido.

Faleceram: na sua casa de Requião, freguesia de Silvares, o sr. Jerónimo Gonçalves, e em Urgezes a sr.ª D. Josefa Maria Ferreira.

A's famílias enlutadas apresentamos condolências.

Quem pretender comprar um prédio para habitação nesta cidade, dirija-se ao sr. Benjamim de Matos, proprietário da CASA HIGH-LIFE.

N's nossas gentis Leitoras

A Casa das Meias acaba de receber um lindo sortido de meias para senhora, homem e criança, a preços baratíssimos.

Convém não esquecer que o Martins é o Rei das Meias.

Electricista - montador

ex-empregado da H. B. C. e Siemens, Lda, encarrega-se da montagem de luz e força-motriz, cabines de transformação e centrais.

Chamadas: Manuel Alves Guimarães, Rua D. João I, 15-- Guimarães.

ECOS DA SEMANA

Dr. David Oliveira — A gozo de férias, encontra-se entre nós, o distinto professor do Liceu de Braga, sr. Dr. David de Oliveira.

Comandante João de Paiva — Acompanhado de sua ex.ª família, já se encontra na sua linda vivenda de Carvalho de Arca, o sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

Mário Menezes — Com sua ex.ª família, partiu para a sua casa de Vila Verde, o nosso bom amigo e ilustre colaborador, sr. Mário de Sousa Menezes.

António Azevedo — Acompanhado de sua esposa, partiu para Leça, o sr. António Azevedo, ilustre Director da Escola «Francisco de Holanda».

Dr. Oliveira e Sá — Teve a amabilidade de nos vir apresentar cumprimentos de despedida, o sr. Dr. Henrique de Oliveira e Sá, distinto professor, que deixa nesta cidade muitas saúdes.

Delfim de Guimarães — Com sua ex.ª família esteve entre nós, no último domingo, o nosso amigo e prezado conterrâneo, sr. Delfim de Guimarães.

Dr. João Machado da Silva — Esteve, há dias, entre nós, êste nosso prezado assinante e distinto elemento do fóro familiar.

Luís Cardoso M. de Menezes — Com sua ex.ª família, partiu, para Vila do Conde, o sr. Luís Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Luís António Pereira — Encontra-se, entre nós, o grande amigo da Penha e abastado capitalista, sr. Luís António Pereira.

Veraneando — Partiram para a Póvoa de Varzim as famílias dos nossos amigos, srs. Capitão Duarte Fraga, Dr. Mário Dias de Castro e Alberto Costa.

Com sua ex.ª esposa e galantes filhos, partiu para as Pedras Salgadas, a uso de águas, o nosso bom amigo, sr. Artur Fernandes de Freitas.

Das mesmas terras regressaram os abastados capitalistas, srs. Alberto Pimenta Machado e Francisco Inácio da Cunha Guimarães.

Em férias — Já se encontram entre nós, em gozo de férias, os nossos amigos, srs. Drs. Gabriel Faria e Serafim Oliveira, e os laureados académicos, srs. Alcindo Ferreira Martins, Eduardo P. de Almeida e Francisco Ramos Martins Fernandes.

Também se encontra entre nós o nosso amigo, sr. Dr. Armando Faria.

Diversas — Regressou do Rio de Janeiro, à sua casa em Serzedo, o nosso amigo, sr. Joaquim Pacheco Guimarães.

A convallescer de uma grave enfermidade, está entre nós, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o nosso amigo e activo empregado viajante portuense, sr. António Alijó.

Regressou, do Rio de Janeiro, o nosso prezado conterrâneo, sr. Domingos António Leite de Freitas.

Da capital, regressou o nosso amigo, sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães.

Visado pela Comissão de Censura.

Casamento — Na Paroquial de Urgezes, realizou-se, há dias, o enlace matrimonial da ex.ª sr.ª D. Ruth Gomes Fernandes Guimarães, gentil filha da ex.ª sr.ª D. Luísa Gomes Fernandes Guimarães e do falecido sr. Francisco Fernandes Guimarães, com o nosso amigo e estimado industrial, sr. Joaquim Salgado Guimarães.

Aos noivos, possuidores das melhores qualidades, desejamos muitas felicidades.

S. Tiago — Sem o brilhantismo de tempos passados, mas com bastante concorrência deromeiros, realizou-se, no último domingo, a romaria de S. Tiago, em Santa Marinha da Costa.

Cumprimentos — Enviamo-los ao estimado industrial do Pevidém, sr. António Correia Guimarães, pelo falecimento de uma sua filhinha.

Torneio de Tiro aos Pombos no Pevidém

Segundo nos garante pessoa autorizada, o Torneio de Tiro aos pombos, realizado no Centro Industrial do Pevidém, no domingo último, constituiu, quer pelo número e categoria dos concorrentes, quer pela importância dos prémios que se disputavam, quer ainda pelo entusiasmo com que decorreu e pelo elevado número de pessoas que ali atraíu, um dos primeiros, se não o primeiro, que se tem realizado no norte do país.

Os prémios, cuja relação publicamos num dos nossos últimos números, tiveram a seguinte distribuição:

- 1.º prémio, José Veiga, de Lisboa;
- 2.º prémio, Joaquim Correia, de Braga;
- 3.º prémio, Sá Coutinho, de Amares;
- 4.º prémio, Bazilio Torres Set Kler, do Porto;
- 5.º prémio, Aprigio da Cunha Guimarães, do Pevidém.

AO PÚBLICO

A Camisaria Martins é a casa que melhor sortido tem em camisas e popelines. Fazem-se camisas por medida. Gravatas e chapéus, o mais belo sortido.

Preços baratos, só na Camisaria Martins, a Casa das Meias.

CASA DAS GRAVATAS

M pelo seu sortido
A pelos seus preços
R pelo seu fino gosto
C pela sua escolhida clientela
A pelas suas novidades

Aos amadores fotográficos

A casa BENAMOR, no Toural, encarrega-se de todos os trabalhos fotográficos. Tem à venda todos os artigos Kodak. Grande sortido de máquinas fotográficas, róllos e chapas.

Artigos de Papelaria, Tabacos, Lotaria, objectos de Escritório e Perfumarias.

Auxiliar o Notícias de Guimarães é cumprir um dever de bairrismo.

PROPRIEDADE

VENDE-SE, sita no lugar de Caneiros, Fermentões, dêste concelho, na estrada que vai para Braga, composta de casas de pedra e de terras de horta e lavradio com ramadas e um tanque com água. E' alodial.

Para tratar na administração dêste jornal.

ORIENTAL
A RAINHA DAS PASTAS PARA DENTES
Vende-se nas boas casas desta cidade

MODA — GRAVATA — CAMISARIA MARTINS — NA CAMISARIA MARTINS

◆ RÁDIO ◆

Receptores, desde 1.000\$00
ATWATER KENTE

ABÍLIO MARTINS em Guimarães

Esplêndidos e confortáveis quartos. Ampla casa de jantar. Magnífico quarto de banho com água quente e fria.

A R C A D I A
G U I M A R Ã I S

A melhor, a mais central e confortável casa na especialidade. Diárias de 15\$00 a 22\$00. — Almoços e jantares. Grandes descontos a pensionistas.

Largo do 28 de Maio, 82 a 84

Avenida Cândido Reis, 85 a 90

E m S . T O R C A T O

Pensão-Restaurante Central
de MANUEL DA SILVA LEITE

Primoroso serviço de mesa. Modelares instalações.

Neste novo Restaurante, situado num dos principais centros desta formosa estância, servem-se em dias de Romaria, e a preços convidativos, magníficos almoços e jantares; e, fora desses dias, quem os quiser saborear há-de mandá-los preparar. — Vinhos da Região das melhores procedências.

V. Ex.^a deseja vestir bem ?

Na ALFAIATARIA ECONÓMICA, de António Fernandes «Carriço», encontrará V. Ex.^a as últimas novidades em casimiras para a ESTAÇÃO DE VERÃO.

Execução de toda a obra concernente a esta arte. Preços sem competência.

Rua do Gravador Molarinho, 9 — GUIMARÃIS

ULTRAMARINA

Companhia de Seguros
Fundada em 1901

Com as melhores garantias, as melhores condições.

Sede em Lisboa:
Rua da Prata n.º 108-1.º
(Prédio da Companhia)

Delegação no Porto:
Rua Mousinho da Silveira, n.º 80-1.º
(Prédio da Companhia)

Agente em Guimarães: **ANTÓNIO ALVES FERREIRA**

A SOCIAL

As maiores
vantagens

nos

Agência e Pósto de Socorros:

seguros contra

HENRIQUE GOMES

DESASTRES NO TRABALHO

Farmacêutico — GUIMARÃIS

Casa das Gravatas

Chapéus, Gravatas, Popelines,
Meias, Peúgas, Camisas, Perfu-

marias, Sombrinhas, Carteiras, Bólsas, etc.

APRESENTA SEMPRE:

AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES E AOS MELHORES PREÇOS.

V A G O

CAFÉ SPORT

Situado no mais aprazível local da cidade, com magníficas vistas para as duas principais praças de Guimarães e para a estância da Penha.

Ótimo serviço de café, chá, leite, chocolate, cacau, ovomaltine, etc.

Bebidas nacionais e estrangeiras.

Venda directa ao público de café moído, exactamente igual ao que se vende à chávona.

FOTO-BELEZA

Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃIS

Revendedor oficial dos afamados produtos AGFA. Foto-Beleza é uma das mais bem montadas casas do seu género, e a única que tem os laboratórios completos da fábrica AGFA. Acabamentos, aos amadores, no prazo máximo de 24 horas, onde podem, pessoalmente, assistir ao cuidadoso trabalho.

O Proprietário,

Manuel Alves Machado.

ALFAIATARIA

DE

RIBEIRO, FILHO

Participa aos seus ex.^{mos} fregueses e amigos que já recebeu as últimas novidades em casimiras para a Estação de Verão.

Preços, os mais limitados da praça.

9, L. do Conselheiro João Franco, 10 — (Telef. 177) — GUIMARÃIS

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho
Filiado no Sindicato Nacional da Imp. Portug.

Redacção e Administração: LARGO FRANCO CASTELO BRANCO

Ex.^{mo} Snr.

Sociedade de Notícias, Guimarães
Pais Felizes
Guimarães